

# Franco Berardi

## E se jogássemos um outro jogo?

**Realização** Ana Claudia Patitucci, Cristina Parada Franch, Danielle M. Breyton, Deborah Joan Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

DOI: 10.70048/percurso.72.89-102

### Preâmbulo

Após 26 anos, esta é a primeira entrevista da *Revista Percurso* que não contou, do início ao fim, com o cuidado e a meticulosidade de nossa querida Bela Sister, que nos deixou no dia 4 de maio de 2024.

Bela esteve envolvida com a *Percurso* desde sua criação, em 1988. No início, de forma indireta e discreta – a capa da *Percurso* 1 é de Sergio Sister – na *Percurso* 3 Bela já figura como tradutora da entrevista, mas é a partir de 1998, *Percurso* 21, que Bela começa sua longa trajetória no Grupo de Entrevistas.

Gradativamente, foi se tornando o esteio do grupo, sustentando a linha de continuidade, a atenção aos princípios que regem a escolha dos entrevistados, a interlocução com o Conselho Editorial, o envolvimento com as diversas etapas do processo de elaboração da entrevista, e o compromisso com o bom funcionamento do grupo que, nesses muitos anos, contou com diversos colaboradores.

Bela foi se fazendo a *casa* das entrevistas. Uma mesa atenciosamente preparada, mas suficientemente relaxada, propiciava a conversa solta e construtiva. Pouco a pouco, a entrevista ia ganhando forma nos seus diferentes momentos, na discussão e preparação do roteiro de perguntas, durante a entrevista propriamente dita e, depois, no trabalhoso processo de edição. Em cada etapa, Bela mantinha-se inquieta, processando permanentemente os finos ajustes, dos quais não abria mão.

Foi com muita emoção que escutamos na fala de Sergio, seu parceiro de vida, na ocasião do sepultamento, que Bela seguiu, até o

fim, envolvida e entusiasmada com a leitura dos textos de Franco Berardi. Para nós, seus colegas de grupo, foi uma grande homenagem a esse trabalho conjunto, feito com amizade e carinho. Esse é o legado que Bela nos deixa, pelo qual seguiremos zelosos, também em homenagem a ela.

Bela, presente!

## Apresentação

*Franco Berardi, também conhecido como Bifo Berardi, é filósofo, comunicador, ativista ou, como é frequentemente apresentado, militante político e agitador cultural. Nasceu em Bolonha, na Itália, onde graduou-se em estética na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bolonha.*

*Tem uma importante história na militância anticapitalista que se inicia aos quatorze anos no Fronte della Giuventù Comunista. Durante os movimentos de maio de 1968, no grupo de esquerda Potere Operário, torna-se uma figura de destaque em nível nacional e, no início dos anos 1970, participa do surgimento do movimento autonomista italiano.*

*A comunicação independente é uma frente relevante de sua história de militante engajado em experimentos com a mídia, e com a produção cultural. Foi um dos fundadores da revista *Av* traveso e da *Rádio Alice*, a primeira rádio livre da Itália.*

*Em 1977, com o aumento da repressão ao movimento autonomista, refugiou-se em Paris, onde se aproximou de Félix Guattari e da psicanálise, com a qual sustenta um permanente diálogo desde então.*

*A partir de 1980, passa a contribuir com muitas revistas mundo afora. Tem dezenas de livros publicados e traduzidos para diversos idiomas. No Brasil, tem três livros lançados pela Ubu Editora: *Depois do futuro* (2019), *Asfixia – Capitalismo financeiro e insurreição da linguagem* (2020), e *Extremo: Crônicas da psicodetração* (2020). No dia em que realizamos a entrevista, foi lançado pela *Autonomia Literária* e *GLAC* edições*



*conhecer a potência do pensamento de Berardi para analisar as questões clínicas da atualidade e ampliar o leque de autores referenciais é um dos grandes ganhos de fazer parte de uma Federação como a FLAPPSIP*

*o título O Terceiro Inconsciente: a psicoesfera na era viral (2024). Infelizmente não foi possível aprofundar esse tema em nossa conversa.*

*Conhecer a potência do pensamento de Berardi para analisar as questões clínicas da atualidade e ampliar o leque de autores referenciais é um dos grandes ganhos de fazer parte de uma Federação como a FLAPPSIP.*

*Nessa entrevista, feita por Zoom em uma tarde de sábado, em junho de 2024, o leitor poderá acompanhar um pensador que utiliza a sua história e as suas experiências afetivas e corporais para costurar seu pensamento, fazendo disso uma multiplicação de ideias encarnadas e vibrantes.*

*Testemunhamos o quanto a sua asma, diagnosticada aos 57 anos, limita o tempo que se dispõe a falar conosco, pelo cansaço de suas cordas vocais. Ao mesmo tempo, o instrumentaliza a pensar os limites do possível frente ao processo desenfreado do capitalismo financeiro, que se transformou naquilo que ele chama de automatismo tecno-linguístico, uma dinâmica que escapa ao alcance argumentativo. A experiência do envelhecimento lhe é útil para entender a impotência e a agressividade que esta é capaz de mobilizar. A história do seu pai na Segunda Grande Guerra se empresta para alinhar a ideia de deserção como a ética da atualidade.*

*A entrevista também faz surgir as diferenças de experiências e referências entre o pensamento emergente do sul global e o pensamento*



*ambos, Guattari e Fachinelli, me permitiram compreender que não podemos falar da subjetividade política sem entender algo da sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, da sensibilidade psíquica dos humanos*

*européu. Isso aparece tanto nas formas de nacionalismo atravessadas distintamente pelas lógicas dos colonizadores e dos colonizados, como também pela proximidade e distância com outras leituras filosóficas e culturais, capazes de pensar a vida fora do paradigma capitalista. Para Berardi essa é uma condição para alimentar uma nova energia, condição que a cultura europeia perdeu.*

*Fiel a sua tradição de comunicador, um tanto desesperançado, mas movido por desespero, deu vida recentemente ao blog Ildisertore, em que borbulham reflexões ágeis e extremamente vívidas, embora majoritariamente duras, sobre a atualidade. Franco não arrisca soluções que ele assume desconhecer, mas perturba a inércia mortífera, tecnologicamente tecida de impotência e ódio.*

Danielle M. Breyton

**PERCURSO** Gostaríamos que nos contasse como se deu sua trajetória pela filosofia, política, comunicação, arte e, dentro disso, sua aproximação com a psicanálise.

**FRANCO BERARDI** Essa pergunta me parece muito útil, especialmente nesse caso, porque minha formação é essencialmente filosófica e política. Estudei, nos anos 1960, em um ambiente que era fenomenológico e marxista, e estudei filosofia com foco na estética. Meu ponto de vista foi, desde o começo,

o da percepção da sensibilidade e da arte. Em 1968, participei do movimento dos estudantes; e nos anos 1970, de uma experiência de comunicação radiofônica. Era uma rádio que se chamava *Rádio Alice*. Era a primeira rádio livre da Itália. Em um momento em que a comunicação não era permitida, pois só os meios estatais podiam transmitir. Mas nessa época, no ano de 1976, havia um movimento amplo e forte de jovens, muitos deles eram técnicos, os primeiros “cybers”, como costumamos dizer. E esses jovens criaram essa rádio, da qual participei. Foi uma vivência extremamente importante. Assim, minha experiência era essencialmente militante, artística e ao mesmo tempo comunicacional.

Na aproximação com a psicanálise, em 1977 tive a chance de conhecer pessoalmente Félix Guattari, que era um militante, um ativista e, como sabemos, psicanalista e filósofo. Durante os mesmos anos convivi também com Elvio Fachinelli, um psicanalista de Milão que foi importante em minha formação. Ambos, Guattari e Fachinelli, me permitiram compreender que não podemos falar da subjetividade política sem entender algo da sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, da sensibilidade psíquica dos humanos. Quer dizer, essa é a minha origem intelectual.

Nos últimos anos aconteceu algo novo. Eu sempre tive muitos amigos que, de uma maneira ou de outra, se ocupavam da psicanálise ou da psiquiatria. Em 2020, nos princípios da pandemia, um amigo psiquiatra, Leonardo Boltecchi, me convidou a participar das reuniões de um grupo que pensava a pandemia. É um grupo que se define como GRIP (*Groupe de Recherche Intercontinental sur la Pandémie*), composto por brasileiros, argentinos, mexicanos, chilenos, espanhóis, italianos, etc. Um grupo latino. Isso permitiu que eu me aproximasse de uma interpretação psicanalítica de um fenômeno social, como foi a pandemia.

Em certo momento da minha vida, cheguei a pensar que a psicanálise me interessava muito, e que queria me tornar psicanalista. Falei sobre isso com Félix Guattari e ele me disse: “Não. Acho melhor você seguir sendo militante político mesmo”.

**PERCURSO** Em seu diário da pandemia você já alertava para as consequências nefastas da estagnação econômica e social sem que o humano estivesse cultural e politicamente preparado para isso. As convulsões político-sociais que vivemos hoje – alimentadas por governos extremistas que avançam pelo mundo – e as guerras a que estamos assistindo parecem confirmar seu alerta. Nesse contexto, além dos efeitos econômicos e político-sociais, como você vê os efeitos da pandemia no psiquismo?

**BERARDI** Naturalmente se trata de um tema que implica muitos níveis de análise. Então, prefiro focar em dois aspectos das mudanças produzidas pela pandemia, embora, em geral, acredite que a pandemia não tenha produzido efeitos novos. Mas ela acelerou fenômenos que já estavam se desenvolvendo na vida social, na tecnologia, na política e, afinal, no psiquismo coletivo. Dois deles me interessam particularmente.

O primeiro é a impotência, pois a difusão do vírus demonstrou, de maneira contundente, algo que já pertencia à experiência humana, mas que não podíamos aceitar racionalmente. Ou seja, existem fenômenos que a política não pode governar. Podemos dizer que a Modernidade foi um período longo, em que a humanidade pôde dominar – não tudo, todo o universo, claro que não – mas pôde governar algumas coisas relevantes, sociais, econômicas e militares. A dominação do mundo foi a obsessão fundamental da cultura branca, da cultura dominante. O supremacismo é essencialmente a convicção de uma potência ilimitada. Durante os anos de neoliberalismo já havíamos experimentado o fato de que a potência não é infinita, de que a potência está se reduzindo cada vez mais. A pandemia foi a revelação escandalosa do fato de que somos impotentes. Esse é seu primeiro efeito.

O segundo se relaciona com as gerações emergentes, as novas gerações. Acredito que a pandemia acelerou um fenômeno que já estava se desenvolvendo nas últimas décadas, a digitalização comunicativa. Cada vez mais as relações pessoais e afetivas se deslocaram para o interior das redes. De repente, em 2020, toda manifestação comunicacional tinha que acontecer de maneira

»  
*existem fenômenos que a política não pode governar. Podemos dizer que a Modernidade foi um período longo, em que a humanidade pôde dominar – não tudo, todo o universo, claro que não – mas pôde governar algumas coisas relevantes, sociais, econômicas e militares*

digital. A expressão *distanciamento social* realmente atua em um nível muito profundo. Mas precisamos ter cuidado, porque esse distanciamento já vinha acontecendo. O tempo de vida que as novas gerações passaram a despender em frente às telas foi aumentando continuamente a partir dos anos 1990. Porém, em 2020, houve um verdadeiro salto que produziu um efeito que, na minha percepção, é essencialmente de dessexualização e hipersemiotização da sexualidade.

Tenho trabalhado muito sobre isso: fiz uma investigação com um pequeno grupo de amigos muito jovens, participei de encontros com grupos de jovens, e agora estou também lendo livros de jovens. Em um deles, um garoto de 25 anos reflete sobre o efeito da pandemia e da digitalização em sua própria existência sexual e afetiva. Há pesquisas que mostram como a sexualidade humana está desaparecendo em certo sentido. David Spiegelhalter é um professor de estatística da Universidade Columbia que escreveu *Sex by Numbers*, livro no qual explica como nos anos 1990 as relações sexuais, no conjunto da população, aconteciam cinco vezes ao mês, e na segunda década do novo século duas ao mês. Quer dizer, a frequência dos contatos sexuais reduziu mais do que a metade.

Ao mesmo tempo, a socióloga Jean Twenge, no livro *iGen*, ou seja, ‘geração eu’, mostra como o tempo passado na frente das telas se multiplicou em quatro vezes desde os anos 1990 até hoje. Isso significa que o tempo de um jovem é cada



*a violência desencadeada  
pelo fascismo contemporâneo – que  
do modo como vejo não é fascismo –  
é uma coisa diferente, mas efeito de  
uma condição crescente de falta  
de empatia e de medo do próprio  
corpo, e do corpo do outro*

vez mais um tempo de comunicação digital. Contudo, acredito que há algo ainda mais profundo, pois a satisfação, o prazer, a excitação se deslocaram do nível carnal ao nível semiótico. É nesse sentido que falo da hipersemiotização do desejo. Por exemplo, num livro recente do Paul Preciado, *Dysphoria Mundi*, ele fala de uma outra coisa, que é a transição sexual de gênero. Propõe o conceito de disforia, que me parece útil para entendermos algo que não é somente um mal-estar de gênero, um desejo de transicionar. Me parece algo mais profundo, o mal-estar de nossa relação com nosso próprio corpo. Isso naturalmente está ligado à digitalização, mas também com a transformação do meio ambiente, com a catástrofe climática etc.

Outro dado que me interessa muitíssimo é o declínio da natalidade, um fenômeno que em certo sentido é gigantesco em nosso tempo, produzido por um lado pela queda excepcional na fertilidade masculina. A fertilidade masculina decaiu 58% nos últimos quarenta anos. Tem um livro de Shanna Swan, *Count Down*, que trata justamente desse fenômeno.

**PERCURSO** Especialmente da fertilidade masculina?

**BERARDI** Sim, especialmente da fertilidade masculina. Há uma queda da fertilidade feminina, mas a masculina é mais intensa. Também se fala menos de fertilidade masculina, naturalmente. Mas parece que a queda na masculina é mais relevante porque,

segundo Shanna Swan, o problema são os microplásticos. Os microplásticos estão produzindo um efeito de desequilíbrio hormonal.

Outro fenômeno é a decisão consciente ou inconsciente – não podemos chamá-la verdadeiramente de decisão – mas o efeito nas mulheres, de quase todo o mundo, de não querer gerar vítimas da catástrofe climática, vítimas da guerra etc. Todo o norte do mundo está em um processo excepcional de queda da natalidade que precisamos explicar.

**PERCURSO** Para além da queda da natalidade, quais são os efeitos presentes e futuros deste apagar da sexualidade enquanto contato carnal e interpessoal? O que você pensa sobre os efeitos disso?

**BERARDI** Acredito que este é um tema com o qual os psicanalistas deveriam se confrontar rapidamente porque já estão se manifestando, não somente o fenômeno da disforia, especialmente uma disforia sexual, mas também suas consequências. Ou seja, a violência desencadeada pelo fascismo contemporâneo – que do modo como vejo não é fascismo – é uma coisa diferente, mas efeito de uma condição crescente de falta de empatia e de medo do próprio corpo, e do corpo do outro.

Claro que o fenômeno é tão novo, algo que pertence à última geração, que ainda não temos experiência analítica suficiente para defini-lo. Já os efeitos políticos e sociais são perfeitamente visíveis. Nas escolas e com pessoas muito jovens, com crianças de doze, quatorze anos, a relação entre corpos se tornou a relação da incapacidade de se relacionar. Há um medo da carícia, da afetividade, da ternura.

E esse machismo exacerbado é um machismo da impotência relacional, encontrado em Javier Milei, Bolsonaro ou Donald Trump. São todos machos que, de certa maneira, estão enlouquecendo. Esse fenômeno tem um fundo sexual, mas é também um fenômeno diretamente social. A impotência, que não é um fenômeno somente sexual, é uma impotência essencialmente política, que se manifesta como agressividade, uma



agressividade de velhos. Eu, como o velho que sou, entendo muito bem isso, porque envelhecer significa se dar conta do fato de que meu corpo já não é meu corpo. Isso produz um enraivecimento porque já não posso fazer aquilo que era tão normal, tão fácil. Produz em mim uma irritação, uma frustração e uma agressividade que tomam caráter político, como temos visto.

**PERCURSO** Em *Depois do futuro* você aborda um distúrbio de empatia e uma atrofia da sensibilidade no mundo atual. Poderia nos falar sobre esse distúrbio nas relações?

**BERARDI** Penso que essa sensibilidade não é um dado natural, quer dizer, ela se transforma na relação com o ambiente no qual o sujeito cresce e interage.

Em 1977, a antropóloga americana Rose Goldsen escreveu as seguintes palavras: “Estamos produzindo uma nova geração que aprenderá mais palavras com uma máquina do que com a mãe”. Esta é a geração *iGen* de que fala Jean Twenge.

Quero citar uma terceira escritora, novamente uma mulher, Luisa Muraro, filósofa feminista italiana. No livro *L'ordine simbolico della madre*, ela escreve que o significado se baseia na afetividade: “eu acredito no significado das palavras porque minha mãe me disse que as palavras significam o que significam”.

Veja, citei três mulheres porque provavelmente só as mulheres podem compreender plenamente a transformação catastrófica implicada quando separamos a significação do corpo, da presença física de um corpo, de uma voz.

Transfere-se o desejo da esfera física para a virtual, e o que está em curso é uma espécie de sensibilização fóbica do corpo, acelerada pela pandemia de Covid19.

E o que é a empatia senão a capacidade de ler os sinais corporais?

Essa capacidade está diminuindo à medida que os humanos leem cada vez menos o corpo e leem cada vez mais os sinais digitais.

**PERCURSO** Você diz que as novas gerações vivem uma aceleração do tempo, e uma hipervelocidade

*citei três mulheres porque provavelmente só as mulheres podem compreender plenamente a transformação catastrófica implicada quando separamos a significação do corpo, da presença física de um corpo, de uma voz*

informativa. Propõe que isso estaria produzindo uma psicopatologização das relações sociais, gerando os mais variados quadros diagnósticos: ТДАН, pânico, aumento de quadros de ansiedades, dislexia, entre outros. Você enxerga caminhos possíveis para o enfrentamento do que você chama de miséria existencial?

**BERARDI** Christian Nirvana Damato, em seu livro *Manifesto della moltiplicazione degli organi*, escreve que a aceleração do ciclo informativo produz um efeito de envelhecimento na geração digital. É uma consideração muito interessante: a aceleração informativa implica uma intensificação da experiência. Recebemos cada vez mais estímulos informacionais que, ao final, se traduzem em estímulos nervosos.

Esta intensificação ocasiona uma aceleração do tempo vivido, que leva ao efeito de envelhecimento psíquico. Eu não sei se o Nirvana Damato tem razão, mas sabemos que algumas patologias psíquicas manifestam uma redução considerável da energia relacional, de disponibilidade afetiva que pode ser assimilada aos efeitos do envelhecimento.

Para a pergunta, se eu vejo caminhos para enfrentar a miséria existencial que estamos vivendo, não tenho resposta. Não acho que seja possível voltar atrás na penetração das tecnologias que podem ser consideradas como fatores patogênicos. Além disso, temos que reconhecer que há uma reorientação do desejo em um sentido que de fato como hipersemiotização. A subjetividade das



*Savater explica o que é a relação entre o desespero e a loucura agressiva do fascismo contemporâneo, mas ao mesmo tempo procura dizer como devemos e podemos resguardar um espaço para a alegria. Normalmente, minha resposta a essa pergunta tão difícil é a ironia*

novas gerações deseja algo que as gerações passadas não podiam nem imaginar. A reação dopaminérgica aos estímulos eletrônicos é algo que não se pode interpretar segundo os valores conhecidos.

Talvez possamos pensar que nossa inclinação a considerar estas tendências como patológicas é abusiva. Podemos formular uma hipótese em que não se trataria de patologias, mas sim de uma mutação antropológica que implica uma transição psíquica dolorosa. O problema é que nos falta um modelo de interpretação integrada da mutação que envolva a dimensão técnica, antropológica e psíquica. O modelo de interpretação psicanalítica de derivação freudiana, por exemplo, me parece cada vez mais incapaz de entender os efeitos que a tecnologia produziu no inconsciente individual, e, principalmente, no coletivo. Nesse sentido é que falo de um *terceiro inconsciente*, para definir um contexto tecno-antropológico que está transformando o psiquismo.

**PERCURSO** Como podemos reinventar a alegria neste momento em que a sexualidade desaparece do comportamento humano, apagada pela onipresença da tela? Um tanto você já respondeu, mas você pensa sobre como podemos recuperá-la?

**BERARDI** Naturalmente que penso. Inclusive para mim mesmo. Nos últimos oito meses, a cada manhã, quando acordo, escuto a rádio. Não consigo parar de fazer isso, seria uma covardia. Então

eu escuto, a cada manhã, quantas crianças foram mortas pelo Netanyahu, pelos nazistas israelenses.

Não é fácil ser alegre nessas condições. Ao mesmo tempo, digo a mim mesmo que a única maneira para salvar uma possibilidade de sociabilidade significativa, feliz, de imaginação feliz, é buscar uma maneira de reconstituir diariamente, a cada segundo, uma dimensão de alegria possível. De compartilhar. É o “compartilhar” que torna a alegria possível. Um “compartilhar” que não pode nunca se tornar um isolamento intelectual. É a consciência do desespero, mas é também a empatia com outras pessoas que sofrem.

Hoje, saiu um artigo muito interessante sobre o desespero, de Amador Savater. Na *CTXT, Revista Contexto y Acción*, revista online espanhola. Savater explica o que é a relação entre o desespero e a loucura agressiva do fascismo contemporâneo, mas ao mesmo tempo procura dizer como devemos e podemos resguardar um espaço para a alegria.

Normalmente, minha resposta a essa pergunta tão difícil é a ironia. A ironia é essencialmente uma forma linguística de elaborar a experiência. É uma forma linguística do saber, mas que em certo momento podemos criar uma dimensão que não seja pesada, dominada pelo saber. Uma condição de *não saber*. Essa é a ironia. Eu bem sei que a ironia está muito próxima do cinismo. A ironia é uma arte muito difícil, mas é uma maneira para resguardar um espaço indispensável de alegria.

**PERCURSO** Você escreveu que sem ambiguidade não há erotismo. Estava pensando que na ironia se inclui a ambiguidade...

**BERARDI** A ironia é a ambiguidade. Também o cinismo é a ambiguidade. Mas existe uma forma de manejar a ambiguidade para dominar os outros, e isso se chama cinismo. E existe outra forma que é a de manejar a ambiguidade para dominar o cinismo, para colocar o cinismo em uma condição ou outra, em um ponto de vista ou outro. É a capacidade de criar momentos de empatia que



permitam não *apagar* a realidade, mas pelo menos jogar um outro jogo.

**PERCURSO** Em relação à ascensão da ultradireita na atualidade, você tem insistido que as categorias políticas não são suficientes para entender o movimento atual e aponta para uma mutação tecno-antropológica que precisa ser considerada. Como você vê as diferenças e semelhanças em relação aos movimentos fascistas progressos?

**BERARDI** Dizemos que a retórica de muitos dos “novos fascistas” – para utilizar uma expressão que claramente não funciona bem – tanto de Trump, como de Meloni, de Le Pen e de Milei, tem muitas características da retórica de Mussolini e de Hitler. Essencialmente a agressividade e a obsessão identitária. Acredito que o nacionalismo e a identidade étnica, o ‘identitarismo’, são características comuns ao fascismo dos anos 1900 e ao fascismo de hoje.

Porém, quando eu disse a um amigo argentino que o ‘identitarismo’ e o nacionalismo eram características do fascismo de ontem e do fascismo de hoje, ele me respondeu que Milei não é um nacionalista! Que Milei é algo mais complexo, porque é um nacionalista norte-americano, e sua visão de nacionalismo é a de uma burguesia compra-dólares. Ele deseja ser um servo dos ianques, e dominar a Argentina como uma colônia dos ianques. Essa é uma consideração que me interessa muito.

**PERCURSO** Quando Bolsonaro estava no poder e encontrou Trump, fez um gesto de subserviência militar a ele e aos EUA.

**BERARDI** Sim. É interessante isso. Me dou conta de que, na América Latina, e eu conheço bastante bem a situação argentina assim como a brasileira, pois tenho muitos amigos no Brasil e na Argentina, sempre me impressiona o papel do nacionalismo, que é totalmente diferente do europeu. O nacionalismo argentino, basicamente peronista, não é o mesmo dos nacionalistas europeus. E por quê? Porque o nacionalismo europeu é colonialista. E o latino-americano é colonizado.

*quando eu disse a um amigo argentino que o ‘identitarismo’ e o nacionalismo eram características do fascismo de ontem e do fascismo de hoje, ele me respondeu que Milei não é um nacionalista!*

Então é um nacionalismo que funciona como a burguesia compra-dólares, sempre.

Mas, de maneira geral, podemos dizer que o novo fascismo tem uma continuidade com os fascismos de ontem essencialmente na identidade agressiva. Uma identidade que se torna cada vez mais agressiva porque perdeu suas marcas mais visíveis. A sociedade multiétnica produziu um efeito de confusão identitária que produz o medo, o fascismo etc.

Ao mesmo tempo, muitas das características dos fascismos do século passado não se apresentam mais. Primeiro, o culto à potência juvenil segue existindo, mas hoje é um culto completamente vazio porque a característica mais forte da cultura contemporânea, dos velhos, mas também dos jovens, é a impotência. A impotência política e a impotência sexual em suas novas formas complexas. No entanto, por fim, o prazer juvenil de dominação, essencialmente de dominação da mulher, hoje se tornou mais incerto, mais frágil. A força e a autonomia feminina produziram evidentemente uma crise de identidade masculina que não pertence ao fascismo do século passado, e que é um fenômeno absolutamente novo.

Para terminar, o fascismo de Mussolini é um fascismo futurista, o futuro que se apresenta como expansão; expansão econômica, colonial, como juventude que tem que se desenvolver.

**PERCURSO** Dos músculos...



*o verão de 2015 foi,  
para mim, um choque  
intelectual fundamental.*

*O povo grego estava entusiasmado:  
“Ganhamos! Ganhamos!”.  
E Tsipras disse: sim, ganhamos,  
mas temos que abaixar a cabeça*

**BERARDI** Dos músculos, claro. Bom, tudo isso desapareceu, porque o futuro... enfim, claro que existe o amanhã, o futuro. No entanto, esse futuro não é o futuro da expansão de energia, é um futuro sem energia, sem expansão. Evidentemente o capitalismo pretende se expandir, porque não pode existir capitalismo sem crescimento, sem expansão, mas, hoje, a única maneira de alcançar um pouco de expansão é destroçar o planeta, é destroçar o psiquismo coletivo. E neste sentido, acredito que o problema é que houve uma mudança essencial no caráter da esperança. O fascismo de Mussolini era um fascismo da esperança. Uma esperança agressiva, racista, colonialista, machista. Hoje é um fascismo do desespero.

**PERCURSO** No Brasil, temos um filósofo, Vladimir Safatle, que diz estarmos atualmente em um *capitalismo cínico*.

**BERARDI** Não o conheço, mas me interessa muito a definição de capitalismo cínico, acho que o tema do cinismo é muito importante atualmente.

**PERCURSO** Em *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*, você reflete sobre a necessidade da luta contra a dominação do capital financeiro e a captura corporativa do conhecimento. Aponta que o corpo social não se desencilhou das armadilhas dos algoritmos, entrando assim em processo de asfixia. Como você vê a possibilidade de reversão do domínio da esfera

financeira sobre a linguagem e a possibilidade de reativar nossa respiração, nossa imaginação?

**BERARDI** Bom, eu sou asmático. Descobri ser asmático aos 57 anos, em uma idade avançada. E a asma me ensinou que, por mais que você faça, ela não te libera desta limitação da respiração. Digo isso porque a relação com o capitalismo financeiro caracterizou a experiência política dos últimos trinta anos, e o capitalismo financeiro assumiu uma forma que defino como *automatismo tecno-linguístico*. Isso quer dizer que a esfera financeira não é um sujeito, uma vontade política contra a qual podemos argumentar. Não! É um automatismo técnico e linguístico. O que isso significa?

No verão de 2015, os cidadãos gregos foram chamados a votar “sim” ou “não” ao memorando financeiro do Banco Central Europeu, o qual significava a destruição da sociedade grega, e 62% dos cidadãos gregos votaram “não”. Não aceitaram a chantagem financeira. No dia seguinte, Alexis Tsipras foi a Bruxelas, e ele, que havia votado “não”, que participava da vontade majoritária de não aceitar, aceitou. Foi obrigado a aceitar. É um enigma, um mistério, não sabemos o que se passou pela cabeça de Alexis Tsipras na noite em que ganhou o referendo. Algumas pessoas disseram, como Yanis Varoufakis, que Tsipras lançou o referendo esperando perdê-lo, podendo assim aceitar o memorando do Banco Central Europeu. Mas depois do triunfo do “não”, Tsipras foi a Bruxelas e aceitou o que os cidadãos gregos haviam recusado. Por quê? Porque não se podia recusar, não era possível tecnicamente.

Eu estava na Grécia durante esses dias, participei disso. O verão de 2015 foi, para mim, um choque intelectual fundamental. O povo grego estava entusiasmado: “Ganhamos! Ganhamos!”. E Tsipras disse: sim, ganhamos, mas temos que abaixar a cabeça. E já não era possível tirar dinheiro no banco, nos caixas eletrônicos. Então, é um automatismo, mas há outros automatismos. Nossa sociedade globalizada neoliberal é um automatismo. E eu o defino assim: em uma realidade que se torna demasiado complexa, para que se tome uma decisão no tempo necessário,



somos obrigados a criar simplificações. A esfera financeira, a comunicação digital e o sistema militar são sistemas tão complexos, que, se queremos utilizá-los, precisamos automatizá-los, e quando são automatizados já não podemos mudar, não podemos decidir nada que não seja previsto pela plataforma automática.

É por esse motivo que acho que a guerra na Europa chegará aos seus últimos termos. E quando digo últimos termos significa *últimos termos*. Não digo mais do que isso, porque não é bom falar do que está acontecendo e do que ainda acontecerá na Rússia, na Ucrânia e em toda a Europa.

Então, voltando à respiração e ao automatismo financeiro, a única coisa que podemos fazer, a única estratégia que podemos elaborar, é a que chamo de *deserção*. Desertar, abandonar o campo, se resignar, aceitar que a força dos automatismos é maior do que a força que nós temos. Nesta situação, na qual não pretendemos respirar contra a esfera financeira, começamos a respirar fora da dimensão produzida por ela. Isso significa que devemos criar comunidades que abandonem o campo.

Eu tenho muito respeito pelo Lula, mais do que respeito, é um amigo. É uma pessoa que conheço desde 1977, quando ele se encontrou com Félix Guattari. Tenho muito respeito por ele assim como tenho por Gustavo Petro, ou por Pedro Sánchez, esses sujeitos que estão representando uma resistência na política. Então, é o seguinte: se existe a possibilidade, resistimos. Mas, ao mesmo tempo, precisamos saber que talvez não possamos ganhar essa batalha. Devemos preparar uma linha de fuga, o que não significa renunciar à resistência. E como não somos políticos, nem eu e nem vocês, pensamos algo que os políticos não podem pensar. Porque precisamos da resistência política, mas também precisamos da sobrevivência, e de uma alegria se for possível, para além da resistência política. Precisamos respirar. No entanto, temos que aprender técnicas de respiração em meio ao sufocamento financeiro. Eu tomo cortisona todo dia de manhã e ela me faz muito mal. Por causa dela, perdi a voz, pois ela

*nossa sociedade globalizada neoliberal é um automatismo.*

*Eu o defino assim: em uma realidade que se torna demasiado complexa, para que se tome uma decisão no tempo necessário, somos obrigados a criar simplificações.*

atinge minhas cordas vocais. Eu não gosto dela, mas é o único modo para respirar.

**PERCURSO** Estávamos no Chile em outubro de 2023, no Congresso da FLAPPSIP, e, em sua conferência, você apresentou a deserção como uma análise da atualidade, disse ao público que não era uma proposta. De lá para cá, parece que você se identificou como um desertor, seu blog se chama *Ildisertore*, e fez disso uma proposta, algo a ser pensado, ensinado, transmitido. Como foi seu processo de transformação pessoal frente à ideia de deserção? **BERARDI** Antes de mais nada, preciso dizer que a palavra deserção me veio à mente quando a Rússia invadiu a Ucrânia e a guerra começou. Essa guerra demente, feita para a defesa das sagradas fronteiras e da pátria. Sei bem que se eu fosse um cidadão de Kiev não poderia brincar com o problema, porque é uma invasão. Então, eu me pergunto: o que produziu a invasão russa? Os russos? É claro que o Putin decidiu, mas nem tudo começou em fevereiro de 2022. Antes disso, houve muitas decisões como, por exemplo, a decisão do Joe Biden de impor aos alemães a ruptura das relações econômicas energéticas com a Rússia. Em dezembro de 2021, Biden disse que não seria possível fazer o Nord Stream 2 e que, se os alemães não obedecessem, eles teriam as ferramentas para impor isso.

De qualquer jeito, há uma invasão, uma guerra. O que eu, como cidadão ucraniano, posso



*o que chamamos depressão muitas vezes é simplesmente a compreensão do fato de que eu não posso, não tenho potência para fazer algo. E então eu deserto. E me deprimio e fico muito triste. Por que fico triste? Porque me disseram que eu deveria ser poderoso, e não sou*

fazer? Combater contra os russos, mas a última coisa que eu posso fazer na minha vida é matar ou morrer pela pátria. A ideia até me faz rir. Depois, descobri que muitíssimos jovens russos fugiram, muitos jovens ucranianos também. Não é algo que pode ser dito, mas que se sabe.

E me veio à cabeça que meu pai, durante a Segunda Guerra Mundial, era militar no exército italiano. Ele não era fascista, mas tampouco era antifascista, ele não estava nem aí para o fascismo! Era um jovem católico que se encontrava em uma guerra. Um dia, os italianos decidiram parar a guerra e trocar de lado – como os italianos sempre fazem, e que me são simpáticos porque são traidores em sua natureza mais profunda. Bom, quando os italianos traíram os alemães e passaram para o lado dos americanos, meu pai, como muitos outros militares, fugiu. Porque ele não conseguia entender: “estamos combatendo contra os alemães ou com os alemães? O que eu tenho que fazer?” E fugiu. Era um desertor. Depois ele se encontrou com os partisanos, os comunistas; se tornou partiano e combateu na resistência. Não chegou a combater muito porque ele não gostava da violência, era uma pessoa mais intelectual do que militar. Mas ainda assim tornou-se partiano e comunista. Era um desertor!

Então, eu me disse: se estivesse na Ucrânia hoje, eu desertava, não ia combater. Se eu puder, vou embora. Ao mesmo tempo, comecei a pensar nesse modo de agir, pois a deserção é uma ação,

não somente uma forma de escapar da guerra, militar. Há muitas outras formas de escapar. Acho, por exemplo, que as mulheres do mundo todo estão desertando da maternidade, com exceção da África e do mundo árabe. Muitos trabalhadores estão desertando do trabalho assalariado. Hoje, a maioria dos jovens na Itália recusam a possibilidade de trabalhar no Estado, o que é novidade.

Há um fenômeno massivo de depressão. E eu me pergunto: essa depressão é de fato uma depressão? Escrevi um livrinho, recém-publicado na Argentina, que se chama *Desertemos*, ainda não há uma tradução brasileira dele. É um livro sobre a depressão, dedicado principalmente à interpretação da depressão. O que chamamos depressão muitas vezes é simplesmente a compreensão do fato de que eu não posso, não tenho potência para fazer algo. E então eu deserto. E me deprimio e fico muito triste. Por que fico triste? Porque me disseram que eu deveria ser poderoso, e não sou.

É possível que na depressão haja um efeito de impotência, e pode ser que essa impotência de viver seja derivada do fato de que nos disseram que viver é ser poderoso, é dominar. Se eu não posso dominar, então não posso viver. Não! Posso viver sem dominar, posso viver na impotência. Minha intenção com este livro não é só falar da guerra, mas também falar da impotência como condição que está se manifestando cada vez mais.

**PERCURSO** Mas há aí uma potência. Viver a impotência como certa potência.

**BERARDI** Podemos dizer que a potência que temos é uma potência essencialmente psíquica, que é a autonomia. Eu chamo de autonomia, que é uma palavra política, mas não somente política. Autonomia significa que eu decido ser o que sou, não o que os poderosos impõem que eu seja. Minha potência consiste em recusar a forma predominante de entender a potência.

**PERCURSO** Você fala de uma mudança importante do lugar e do sentido do suicídio no decorrer do século xx. No passado, o suicídio como um gesto solitário e elegante; hoje, o suicídio como

uma arma política, ou seja, o “suicida terrorista”, o “herói suicida” e aquilo que você chama de “crime de suicídio”, para também pensar as guerras atuais. Como podemos entender essa mudança no sentido de dar fim à própria vida?

**BERARDI** Escrevi um livro que se chama *Heroes: Mass murder and suicide*, ainda não foi traduzido para o português, e o subtítulo é sobre o suicídio como ação. É um livro acerca de pessoas que cometem assassinatos em massa, os *mass murders*, dos quais os EUA são campeões porque eles têm muitas armas, mas não só por isso. Minha interpretação de ações como a de Columbine, e as de muitos outros jovens que vão a uma escola ou a um cinema e matam todos que conseguem, é que, ao final, o que mais lhes importa é serem mortos, tanto física quanto simbolicamente.

Tal decisão suicida é muito importante na agressividade contemporânea. O herói, a figura do herói, me interessa muito neste momento. Começou a me interessar quando escrevi este que é meu livro mais norte-americano. No entanto, hoje, nesse momento em que a guerra volta à história do mundo, me parece que precisamos re-visitamos a figura do herói e entendê-la bem. Na figura do herói há um fundo de vontade suicida, acredito; matar o outro, mas ao mesmo tempo matar sua própria humanidade, matar sua própria ternura, sua própria inocência em um sentido muito profundo.

O tema do suicídio me toca de maneira muito pessoal e me interessa cada vez mais. Não tenho nada contra o suicídio, naturalmente, mas acredito que nele há algo de violento, de brutal e, sobretudo, descortês. O suicídio não é somente uma ação contra si mesmo, é principalmente uma ação contra os outros. Nesse sentido – e repito: não tenho nada contra uma decisão de suicídio, é uma escolha que respeito –, me parece o sintoma de uma perda de autonomia. Perda de autonomia e de cortesia.

Para mim a palavra cortesia é enorme, afinal o que é a cortesia na modernidade? É a capacidade de transformar os instintos, a força instintiva, em linguagem, em ironia. No sexo, por exemplo, na



*no sexo, por exemplo, na relação  
erótica, a transformação do instinto  
em forma de relação desejante  
que implica um outro se manifesta  
primeiramente na cultura  
cortês do humanismo italiano  
de Francesco Petrarca, Dante Alighieri  
e de Guido Cavalcanti*

relação erótica, a transformação do instinto em forma de relação desejante que implica um outro se manifesta primeiramente na cultura cortês do humanismo italiano de Francesco Petrarca, Dante Alighieri e de Guido Cavalcanti. A poesia cortês é uma primeira tentativa de falar, de falar sobre o desejo, de falar sobre o sexo. O sexo que não fala é perigoso. Quando o sexo não é capaz de se transformar em palavra, ele é perigoso. E quando o sexo fala, faz-se cortesia, significa um enriquecimento do desejo. O suicídio é um ato descortês nesse sentido.

Ao mesmo tempo, me dou conta de que o suicídio se coloca de forma cada vez mais urgente, porque parece que a raça branca – se é que posso usar essa expressão horrível, que não significa nada porque não existe uma raça branca, existe uma mitologia da raça branca –, o supremacismo branco, hoje, deseja se suicidar. Mas a única maneira de fazer isso é matando o mundo, e esse é o motivo da guerra que está se desencadeando, a guerra de velhos suicidários.

**PERCURSO** Você fala de uma recuperação da linguagem poética, da sensibilidade da linguagem poética...

**BERARDI** Sim. Nesse sentido a poesia não é só uma representação de um sentimento, a poesia é uma elaboração de sentimentos. De sentimento, de impulso, do instinto, do que você quiser, de algo que se apresenta de maneira aparentemente



*perdemos todas as relações,  
não digo com a origem,  
mas com essa forma  
não contaminada pelo  
princípio da competência,  
do proveito, da  
acumulação capitalista*

natural. Mas o desejo não é natural. O desejo está na relação, na cultura, na espera etc. E se apresenta sem linguagem. Temos que falá-lo, temos que elaborá-lo. Assim é que é. Contudo, isso se tornou difícil. Por quê? Porque a nova geração não aprendeu a falar de sexo, não aprendeu a falar sobre o contato com os lábios do outro. Os lábios se tornaram um perigo. Essa hipersensibilidade fóbica ao corpo do outro é uma falta de capacidade de elaboração linguística. A linguagem digital não é a mesma coisa que a palavra que vai da boca à orelha do outro.

**PERCURSO** Aqui no Brasil, a forma de entender o mundo dos indígenas está tendo mais visibilidade. Ailton Krenak publicou o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*; Davi Kopenawa publicou com o antropólogo francês Bruce Albert o livro *A queda do céu*. Nos surpreendemos com a coincidência quando soubemos da proximidade com o nome do seu primeiro livro. Você tem acompanhado essa discussão? Que alcance essas vozes poderiam ter com seus ensinamentos?

**BERARDI** Confesso que não conheço *A queda do céu*, esse livro do Davi Kopenawa e Bruce Albert. Escrevi um livro que se chamava *Le ciel est enfin tombé sur la terre* (*Enfim o céu caiu sobre a terra*). Era um livro insurrecional. Era como dizer que o céu das ideias, dos projetos, havia caído na terra devido a um movimento que havia permitido

empoderar-se dos projetos, das ideias “do céu”, na vida cotidiana.

Mas vejo que na pergunta há uma referência às culturas indígenas. Geralmente a questão se coloca de formas muito diferentes em países como o Brasil e em países europeus. Assim como antes falamos das diferentes percepções de nacionalidade, de nacionalismo, de nação, agora falamos das diferentes percepções das culturas indígenas. Para a cultura europeia, quando falamos sobre isso, falamos em termos de exotismo, de algo que pertence a um outro mundo. Mas isso significa que perdemos a possibilidade de alimentar uma nova energia. Por quê? Porque perdemos todas as relações, não digo com a origem, porque não gosto de falar em origem, em raiz, autenticidade e tudo o mais, mas com essa forma não contaminada pelo princípio da competência, do proveito, da acumulação capitalista. Uma cultura capaz de pensar a vida fora do paradigma capitalista. Essa é a relação com as culturas indígenas. Eu, pelo pouco que conheço das culturas indígenas – trabalhei muitos anos como antropólogo no sul do México –, acredito que o México assim como o Brasil, mas de forma diferente, toma toda a sua vitalidade política contemporânea da presença de uma cultura que não foi contaminada pelo princípio de capitalização. E essa cultura lhe permite conhecer energias e possibilidades que a cultura branca perdeu definitiva e irreversivelmente. Essa é a razão, talvez, da minha ideia de que a extinção da civilização humana é uma ideia essencialmente europeia.

Não posso negar que eu mesmo sou profundamente europeu. Sim, tudo bem, eu estudei, frequentei outras culturas, mas ainda assim minha formação me impede de verdadeiramente pensar e alimentar o meu pensamento a partir de formas de vida e de cultura, mas sobretudo de vida, que não pertençam à história do capitalismo. É um limite do meu próprio pensamento que não consigo superar. Mas posso reconhecer que existem outras experiências filosóficas que se alimentam dessa energia.

**PERCURSO** O que você pensa sobre a experiência zapatista no México?

**BERARDI** Acho que a experiência zapatista foi e segue sendo a mais próxima do que sempre pensei sobre o conceito de autonomia, porque é uma cultura política que tentou se organizar concretamente em um território, em uma população.

Em 2012, em uma das últimas vezes que passei pelo México, participei de um congresso do EZLN (*Ejército Zapatista de Liberación Nacional*) que aconteceu na Cidade do México. Era um encontro dedicado a uma elaboração do conceito de autonomia. Nos anos seguintes – minha última viagem para o México foi em 2018 –, percebi uma nova e mais dolorosa consciência do movimento zapatista, de uma impossibilidade que estava se manifestando na própria experiência comunitária. Os zapatistas seguem produzindo, seguem atuando em seus territórios. Mas acredito que perderam, e não sei se de maneira definitiva ou não, a convicção de que a sua experiência possa se

generalizar em outros lugares do planeta. Existe um “zapatismo europeu”, grupos que o praticam e que fazem referência a ele, mas acho que não pertence ao campo das possibilidades políticas, é mais propriamente uma possibilidade cultural imaginativa de esperar algo dos outros lugares do planeta.

»  
*a experiência zapatista  
foi e segue sendo a mais próxima  
do que sempre pensei sobre  
o conceito de autonomia, porque  
é uma cultura política que tentou  
se organizar concretamente em um  
território, em uma população*